DO CAOS À CONSCIÊNCIA

Como uma mulher sobreviveu à prisão, ao sequestro dos filhos e à falência - e transformou tudo isso em estratégia de sucesso em Dubai

TARKIA

Sumário

- Sobrevivi ao meu próprio nascimento
- Infância roubada, memória marcada
- O sequestro da minha maternidade
- Fuga com passaporte falso
- O filho que quase morreu em meus braços
- O amor que me aniquilou
- Dubai renascer é uma escolha
- Frases para guardar
- O próximo capítulo da sua jornada começa agora

INTRODUÇÃO

Nasci lutando pela vida. E talvez por isso, nunca mais parei de lutar. Esta não é apenas a minha história; é um convite para desvendar a força inquebrável que reside em cada um de nós. Este mini eBook é um mergulho em partes da minha jornada – não como vítima, mas como alguém que decidiu transformar cada cicatriz em um legado de propósito e poder. Se você já passou por momentos em que tudo parecia perdido, este livro é pra você.

Esta é a história da minha jornada, que me trouxe até Dubai, onde hoje, com a mesma resiliência e visão forjadas nas maiores adversidades, ajudo outros a construir seus próprios legados.

É um pedaço da minha alma. Um eco de tudo que resisti. Um lembrete poderoso de que não importa o que te aconteceu — importa o que você faz com isso, e como você usa sua história para reescrever seu futuro.

Sobrevivi ao meu próprio nascimento

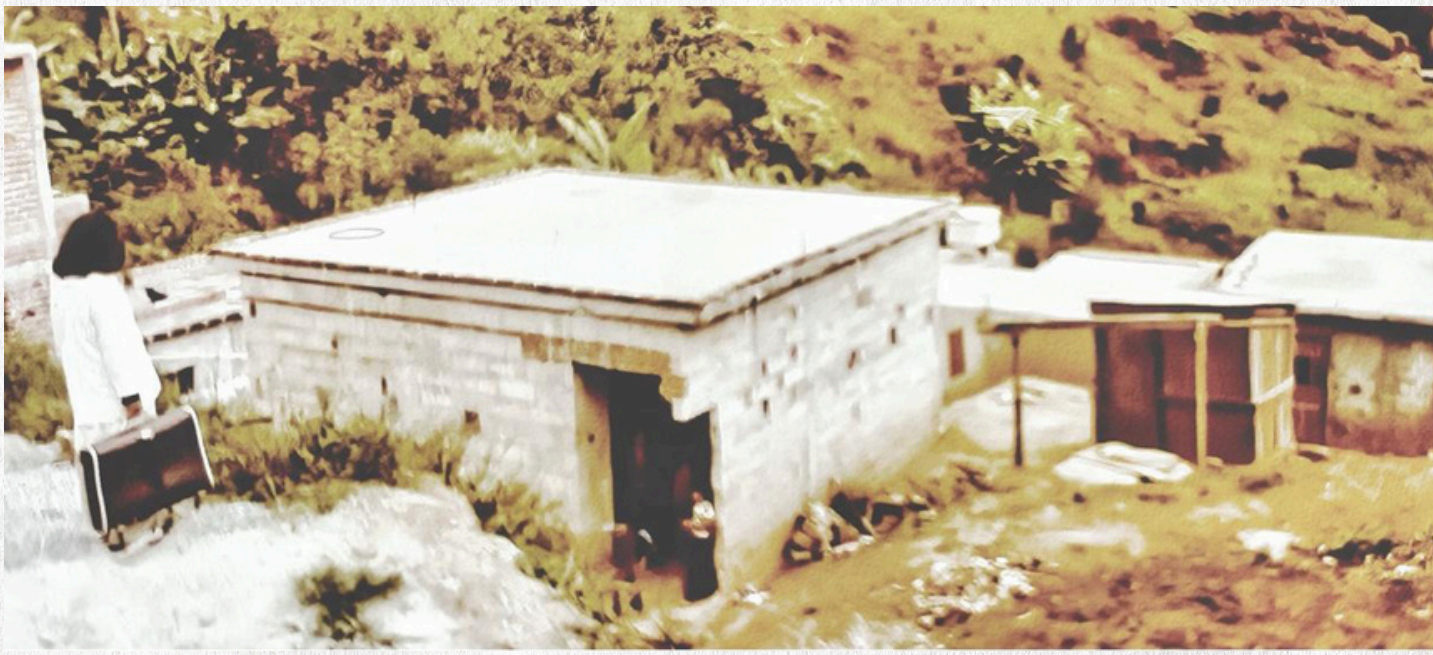
Ainda no ventre da minha mãe, enfrentei meu primeiro teste: um capotamento brutal causado por meu pai bêbado. O carro virou, minha mãe grávida foi arremessada com violência, e eu, um ser minúsculo e indefeso, nasci de fórceps, arrancada à força para a vida. Os dois primeiros meses foram passados em um hospital, uma incubadora se tornando meu primeiro campo de batalha. Lutando. Respirando por aparelhos. Cada batida do meu coração era um ato de pura vontade. Sobreviver foi meu primeiro ato involuntário, mas profundamente simbólico. Era como se a vida, em sua sabedoria cruel, sussurrasse:

"Você ainda vai precisar de muito fôlego. Muito mais do que imagina."

Desde o primeiro suspiro, a vida me ensinava que a luta era o meu destino, e que cada fôlego seria um ato de resistência. ***Essa chama inicial, essa capacidade inata de persistir contra todas as probabilidades, seria a base de tudo o que eu construiria depois, a essência da minha resiliência.***

Infância roubada, memória marcada

Minha infância não foi doce. Foi crua, dura, marcada por uma violência que se infiltrava em cada canto da casa. Minha mãe, perdida em suas próprias dores e demônios, me espancava com uma frequência que se tornou rotina. Lembro-me de um dia, com uma clareza dolorosa, quando ela sentou sobre mim, imobilizando-me, agarrou meus cabelos com força e passou a bater minha cabeça repetidamente contra o chão. A exigência era clara: eu deveria desmentir algo que sabia ser verdade, apenas para agradar a família de seu novo marido. A dor física era intensa, mas a dor da traição, da anulação da minha verdade, era ainda maior.



Aos 13 anos, a vida me impôs mais uma ferida. Ela nos deixou – eu e minhas duas irmãs pequenas – sob os cuidados de um padrasto que era apenas um menino de 19 anos. Foi nesse cenário de abandono e vulnerabilidade que vivi uma tentativa de abuso. O pânico me impulsionou. Corri pelas ruas, o grito "tarado" rasgando o ar, um pedido desesperado de socorro. A resposta veio em forma de chicote de cavalo. Minha pele se abriu em tiras nas costas, uma dor lancinante que se gravou na minha carne e na minha alma. Me escondi na casa de uma vizinha, tremendo, desesperada, sem saber para onde ir.

Busquei abrigo no único lugar que podia conceber: a casa do meu pai. Mas o reencontro foi trágico, um pesadelo que se materializava. Ele, afogado no alcoolismo, me confundiu com um invasor. O som dos tiros ecoou, seguido por um espancamento brutal. Caí inconsciente, o mundo se apagando. Ainda assim, sobrevivi.

Cada cicatriz se tornava um lembrete silencioso da minha capacidade de suportar, e a chama da sobrevivência ardia mais forte.

Foi nessa infância roubada que aprendi a ler as entrelinhas, a identificar perigos ocultos e a forjar uma resiliência que, anos depois, se tornaria minha maior ferramenta para navegar em ambientes complexos e proteger o que é meu.

O sequestro da minha maternidade

Alguns anos após aquele episódio fatídico, a vida me apresentou o que parecia ser uma nova chance, um vislumbre de esperança. Conheci um chileno que, à primeira vista, representava tudo o que eu sonhava: uma família grande, aparentemente estruturada, unida — exatamente o oposto do que eu havia vivido até então. Carregando as feridas abertas da minha infância, me agarrei àquele sonho com uma força desesperada. Mudei-me para o Chile com ele e, poucos meses depois, estávamos casados.

Mas novamente, era apenas uma miragem, um castelo de areia que desmoronava ao primeiro toque. A promessa de acolhimento logo se transformou em exclusão e humilhação. Sofri um intenso bullying por vir de origem humilde, sem um sobrenome 'quatrocentão', e por ser mãe solteira. Fui tratada como alguém indigna de fazer parte da família Marcel. O casamento rapidamente se revelou sufocante, marcado pelo vício dele em jogos de azar e pela constante humilhação silenciosa imposta por seus parentes.

Grávida de cinco meses da minha filha Camila — e já mãe do Bruno, fruto de um relacionamento anterior e breve — decidi me separar. Estava em um país de fortes raízes conservadoras, marcado pela influência do Opus Dei, onde o divórcio sequer era legalizado.

Como fui eu quem teve a coragem de romper aquela união, mesmo sendo a vítima, saí — mais uma vez — apenas com a roupa do corpo, com uma mão na frente e outra atrás. Recomecei do zero, bem longe da capital Santiago, no extremo norte do país, na fronteira com o Peru e a Bolívia: Iquique, em pleno Deserto do Atacama.

Ali, com o limite estourado de três cartões de crédito e uma fé inabalável em Deus — que sempre foi meu único alicerce constante — comecei de novo. Carregava nos ombros o estigma social de mulher rejeitada, pobre, imigrante e mãe solo.

Abri uma empresa de construção de piscinas. E funcionou. Deu tão certo que, pouco tempo depois, consegui comprar um restaurante dentro do único shopping center da cidade — e ali, entre fast foods e franquias famosas, a minha comida caseira (Menumania) vendia mais que o McDonald's. Ali, no deserto, com o limite estourado e a alma ferida, a semente da minha capacidade de construir do zero, de inovar sob pressão e de transformar adversidade em oportunidade, começou a germinar. Mas com o sucesso vieram as sombras.

Aproveitando-se da ausência de uma lei de divórcio no Chile na época, meu ex-marido invadiu minha casa, se fez de esposo, e passou a usufruir de tudo o que eu havia construído. A convivência tornou-se um pesadelo. E daquele inferno cotidiano, nasceu o plano que mais tarde culminaria na minha prisão injusta.

Meu marido, viciado em jogo, falsificou minha assinatura em cheques altíssimos. Quando foram protestados, fui presa injustamente no Chile — onde havia prisão civil por dívidas. Enquanto eu estava presa, meus filhos foram levados pelo pai e pela avó paterna para o sul do Chile. Por nove meses, não tive notícias. Nove meses de agonia, de incerteza, de um vazio que dilacerava a alma de mãe.

Passei quatro anos lutando judicialmente, com detetives particulares e os melhores advogados. Mas a lentidão, as injustiças e a sensação de que eu estava sempre à mercê de um sistema falho me fizeram tomar uma decisão radical. Eu não podia mais depender de outros para lutar minhas batalhas. Eu precisava entender as regras do jogo, desvendar seus segredos. Foi então que, movida por uma sede insaciável por justiça e controle sobre meu próprio destino, decidi eu mesma tomar as rédeas e mergulhar nos estudos de Direito. Eu precisava ser minha própria advogada, minha própria defensora.

Quando finalmente os reencontrei, minha filha, com 4 anos, me olhou nos olhos e disse: “A Vania é má. A Vania me bate.” Andava para trás como quem via um monstro. Meu coração se partiu em mil pedaços.

Meu filho mais velho, com 12, pegou a mão dela e disse: “Ela é nossa mãe.” Uma pequena luz em meio à escuridão.

Me levou uma semana para ela me deixar tocá-la. Ela havia sido escondida do mundo, sem contato humano. Um bichinho do mato, ferido, ensinado a me temer. Aquele reencontro foi a prova mais dura da minha vida, mas também a mais poderosa.

“

Essa experiência me ensinou a importância da legalidade, da proteção jurídica e da luta incansável pela verdade. Forjou em mim a capacidade de construir do zero, de gerenciar crises e de nunca desistir do que é meu por direito, não importa o quão intransponível o obstáculo pareça.

Fuga com passaporte falso

Cansada da Justiça que falhava, dos sequestros recorrentes, da impotência diante de um sistema que me negava o direito de ser mãe, decidi agir. Levei meus filhos ao Brasil "de férias", pagando ao pai ludopata, por cada autorização, cada papel, na esperança de um respiro. Mas ao retornar sozinha ao Chile para vender meus negócios, fui acusada de sequestro. Uma ordem judicial me impediu de sair do país. A armadilha estava montada.

Sem saída, com o desespero apertando, por haver deixado meus filhos menores aos cuidados de uma babá, planejei minha fuga. Não era uma fuga de covarde, mas um ato de desespero e coragem. Cruzei a fronteira do Chile com o Peru com um passaporte falso como cidadã peruana. Deixei o país ilegalmente para poder viver legalmente, para poder ser mãe novamente.

Costumo brincar: "***Nem Shakira atravessou tanta fronteira como eu... e com menos passaporte verdadeiro.***" Mas a verdade é que não havia nada de divertido. Era medo. Era urgência. Era a pura e crua sobrevivência.

Aquele ato de desespero não era fuga, mas uma ***manobra estratégica para garantir a liberdade e a segurança que a lei me negava***. Foi a prova de que, quando a vida te encurrala, a criatividade, a audácia e a capacidade de pensar fora da caixa se tornam suas maiores aliadas.

“

Uma lição valiosa sobre como encontrar soluções onde aparentemente não há saída, e como a determinação pode mover montanhas.

O filho que quase morreu em meus braços

Bruno era só um menino quando tudo aconteceu. Foi forçado a mentir, a negar a mãe. Batiam nele, o isolavam, e disseram que eu havia fugido com um amante para a Espanha, o abandonando porque ele era “travesso”.

A dor virou culpa.
A culpa virou silêncio.
E o silêncio virou vício.

Começou a usar drogas aos 11 anos. Foram 20 anos de luta, de uma guerra invisível que me atingiu no ponto mais vulnerável. Vi meu filho definhar, a vida escorrendo por entre os dedos. Duas overdoses. Vi seus olhos apagando nos meus braços, a respiração falhando, o medo de perdê-lo para sempre me consumindo.

Lutei com todas as forças. Internações. Recaídas. Esperança. Desespero. Nunca desisti dele. Ele era mais uma das vítimas da guerra invisível que me atingiu, mas também a razão pela qual eu não podia parar de lutar.

A dor de vê-lo definhar era a prova de que a luta nunca terminava, mas também a certeza de que o amor de uma mãe é a mais poderosa das blindagens.

“

Essa batalha me ensinou sobre persistência inabalável, sobre a importância de nunca desistir, e sobre a força que se encontra mesmo nos momentos de maior desespero. Uma lição sobre o poder da fé e da resiliência incondicional.

O amor que me aniquilou

Quando achei que estava livre, que as tempestades haviam passado e que a vida finalmente me daria um respiro, me apaixonei. Por um homem mais velho. Advogado. Ele me ajudou na época mais difícil, parecia o porto seguro que eu tanto buscava. Me apaixonei perdidamente, entregando-me a uma promessa de paz e estabilidade.

Ele me convenceu a fechar meus dois restaurantes — no auge do sucesso — para cuidar dos filhos recém recuperados e destroçados emocionalmente após longos anos de batalha judicial. Achei que estava recomeçando, construindo um novo lar, uma nova vida. Mas estava me anulando, me desfazendo em pedaços para caber em um molde que não era meu.

Era um amor controlador, tóxico, disfarçado de zelo, de cuidado, de proteção. As amarras invisíveis se apertavam a cada dia, sufocando minha voz, minha autonomia, minha essência. Quando pedi separação, a máscara caiu. Ele mandou homens armados à minha casa. E usou o próprio poder para tomar tudo o que eu havia construído, deixando-me novamente com as mãos vazias.

De todos os abusos que vivi, esse foi o mais cruel — porque veio disfarçado de amor, de carinho, de promessas de um futuro feliz. A traição foi mais profunda porque a ferida foi infligida por quem eu mais confiava.

Essa foi a lição mais cruel: que o maior perigo pode vir disfarçado de afeto, e que a verdadeira liberdade exige discernimento e autovalor.

“

Aprendi a identificar as manipulações sutis, a proteger o que é meu e a valorizar a autenticidade acima de qualquer fachada. Uma sabedoria que hoje aplico para proteger outros em seus próprios caminhos, alertando sobre os perigos ocultos e a importância da legalidade e da clareza nas relações.

Dubai
renascer é uma escolha

Hoje moro em Dubai. Reconstruí minha história. **Chegar aqui foi um novo recomeço, com desafios culturais e burocráticos únicos. Tive que reaprender, me adaptar a uma nova mentalidade de negócios e entender as nuances de um mercado global. Cada passo foi guiado por um propósito claro: transformar toda a dor e aprendizado em uma estrutura sólida para ajudar outros a prosperar com segurança.**

De mulher quebrada, que lutou pela vida desde o ventre, *à estrategista internacional que hoje ajuda outros a construir com legalidade e visão*. Essa visão, essa capacidade de proteger e construir com solidez, não veio do nada. Ela foi forjada em anos de batalhas judiciais injustas, onde me vi à mercê de um sistema que falhava. Foi a exaustão de ser vítima, a sede por controle e justiça, que me impulsionou a tomar as rédeas da minha própria defesa e a mergulhar nos estudos de Direito. Eu precisava entender as leis, não apenas para me defender, mas para nunca mais ser pega desprevenida e para um dia, ajudar outros a não caírem nas mesmas armadilhas.

De vítima silenciosa, cujas verdades foram negadas, à mentora que dá voz e estrutura a outras mulheres e empreendedores. Escrevo livros. Criei a Tarkia. Transformo dor em consciência e em estratégias de sucesso.

E sigo — não porque sou feita de aço, mas porque não desisti de ser feita de verdade. Não sou inquebrável por não ter sido quebrada, mas por ter me reconstruído infinitas vezes, mais forte a cada queda.

Já morri muitas vezes. Mas hoje, só vivo o que tem sentido. O resto, eu deixo morrer.

Frases para guardar

“A vida tentou me enterrar... sem perceber que sou semente.”

“Quem tem missão, tem blindagem.”

“De todos os abusos, o mais cruel é o que vem disfarçado de amor.”

“Se você sobreviveu a uma dor impossível, transforme isso em propósito.”

Que estas palavras sejam um eco da sua própria força. Sua história é o seu maior poder. Use-o para construir o legado que você merece.

www.tarkia.ae | contato@tarkia.ae | + 971 56 630 9797

O próximo capítulo da sua jornada começa agora

Sua jornada de superação não termina aqui. Ela apenas começou a se alinhar com um propósito maior.

Se você se inspirou com minha história e está pronto para transformar sua própria dor em poder, sua visão em realidade e seu legado em algo inquebrável, eu te convido a dar o próximo passo.

Descubra como toda essa resiliência e visão são aplicadas para ajudar empreendedores a construir seus próprios legados em Dubai, com legalidade, estratégia e sucesso.

Acompanhe meus conteúdos e conecte-se:

@tarkia.dubai | www.tarkia.ae | YouTube: @Tarkia.Dubai

Esta história ainda está sendo escrita. E a sua também.

Obrigada por fazer parte dela.

O preço da liberdade

Se tem algo que aprendi, é que a maioria dos meus problemas foram evitáveis. Não porque vivi uma vida fácil — longe disso —, mas porque muitas das dores que enfrentei foram consequência direta das escolhas que fiz. E mesmo assim, eu faria tudo de novo.

Eu sou brava. Sou rebelde. Sou orgulhosa. E diferente da maioria que se dobra à situação por medo de torná-la pior, eu preferi pagar o preço. Eu poderia ter evitado o sequestro dos meus filhos, a prisão injusta, a perda dos meus negócios... bastava continuar em um casamento que já não me fazia bem. Não era o pior dos mundos. Ele me amava — mas amava mais aos jogos. Eu poderia ter aceitado uma vida morna, como tantas outras mulheres fazem. Mas não era o meu caminho. Eu escolhi lutar.

Não sou vítima das minhas dores. Sou fruto das minhas decisões conscientes. Escolhi minha liberdade, sabendo do peso que ela carrega. Escolhi voar sozinha, mesmo quando isso significava enfrentar tempestades. Porque a liberdade tem um preço — e é alto. Mas é o único preço que vale a pena pagar.

E não quero, de forma alguma, que minha história gere pena. Quero que ela gere perspectiva. Que te inspire. Que te lembre que cada um carrega a cruz que é capaz de suportar. Que ninguém precisa comparar sua dor à do outro — porque o que para mim é leve, para outro pode ser insuportável.

Antes, eu julgava. Achava que as pessoas faziam drama por pouco. Até perceber que, para algumas, o que eu chamava de "problemão", seria insuportável, e o que elas chamavam de "drama" poderia ter o mesmo peso que as minhas tragédias.

Por isso, respeito seus limites. Respeito suas escolhas. E te convido a fazer o mesmo com os seus.

Se eu tivesse aceitado menos do que merecia, teria uma vida talvez mais calma, mas nunca plena. Eu escolhi viver intensamente — e isso me custou caro. Mas me trouxe até aqui.

E aqui estou. De pé. Inteira. Não porque nunca caí, mas porque sempre me levantei.

“A liberdade cobra um preço. E eu escolhi pagá-lo. Com todas as minhas cicatrizes. Com toda minha força.”

📣 Quer construir seu legado com estrutura e liberdade?
Conheça a TARKIA.

@tarkia.dubai | www.tarkia.ae | YouTube: @Tarkia.Dubai